

I CONGRESSO DE PLANEJAMENTO NATURAL FAMILIAR

GERAR A VIDA COM RESPONSABILIDADE: BASES ANTROPOLÓGICAS

VALDIR REGINATO

INTRODUÇÃO: UM CONVITE À REFLEXÃO

Ao receber o convite para a primeira conferência deste **I Congresso de Planejamento Natural da Família**, vivenciei a realidade das Sagradas Escrituras em que se verifica que Deus se vale dos mais ineptos para que todos saibam que a obra é Sua. O elenco de participantes deste evento relaciona nomes que estariam mais adequados a introduzir a importância que pede este momento. Porém, obediente, em plena liberdade, à palavra de Cristo que nos solicita de modo cativante: **“Segue-Me”**, (Mt 9,9) confiei-me ao Espírito Santo, para que o que aqui se seguirá exposto em palavras, esforço de um **“servo inútil, que fez o que devia”** (Lc 17.10), possa chegar aos vossos corações transformado pela Luz da Verdade. Certamente não estamos todos nós aqui por acaso, ou por simples decisão humana.

A Igreja, mediante aqueles que ocupam sucessivamente a cátedra de Pedro, traz uma contribuição valorosa ao tema deste evento, de modo particular mencionamos Paulo VI por intermédio da histórica encíclica **Humanae Vitae**, que será abordada detalhadamente em outro tempo, e tantos outros documentos deixados pelo saudoso João Paulo II, a quem podemos chamar o **“Papa da Família”**. Ambos têm sido confirmados nas palavras de Bento XVI. Além destes, muitas têm sido as colaborações de cientistas e pesquisadores nas diversas áreas da Ciência, dentre os quais, aqueles que sem comungar da fé cristã apresentam propostas que fortalecem os meios e objetivos comuns. Desta forma, não ousei criar o que por tantos doutos já foi explorado, mas entregar a vossa reflexão uma pequena janela que se abre ao mundo conhecido, que possa ser de aproveitamento de todos.

“Gerar a vida com responsabilidade: bases antropológicas” é o tema que nos ocupa. É difícil imaginar que o tempo de uma vida inteira possa ser suficiente para percorrer toda extensão que nos apresenta à mente a grandiosidade do assunto. O que direi do intervalo de alguns minutos que separam o início do fim da nossa exposição! Assim sendo, digo desde o princípio que jamais se teve a pretensão de alcançar os limites neste desafio, mas sim nos limitarmos a espalhar sementes, que se espera possam produzir para **“uns cem, sessenta e trinta”** (Mt 13,8). Desejo que o conteúdo que será tratado possa encorajá-lo o suficiente para que não se saia daqui com o **“talento enterrado por temor, do qual nem os juros do tempo**, (que por ora dedicamos), **possam ser apresentados.”** (Lc 19, 20-24)

Convido-os desta forma, a partir de agora, que todos entrem na mesma barca, que se encontra numa hora da noite visitada por tempestades e ventos fortes, sem dúvida, ameaçada por todos os lados por perigos visíveis e invisíveis. Nas palavras de João Paulo II:

“A família, nos tempos de hoje, tanto e talvez mais do que outras instituições, tem sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura. Muitas famílias vivem esta situação na fidelidade àqueles valores que constituem o fundamento do instituto familiar. Outras tornaram-se incertas e perdidas em relação a seus deveres, ou, ainda mais, duvidosas e quase esquecidas do significado último e da verdade conjugal familiar. Outras, por fim, estão impedidas, por diferentes situações de injustiça, de realizarem seus direitos fundamentais.” (A missão da Família Cristã no mundo de hoje, 1.)

1. A VIDA ETERNA

O cenário descrito pelo papa levou a graves conseqüências no comportamento social, desenhando-se assim uma **“situação histórica em que, para ele, a família apresenta-se como um conjunto de luzes e sombras”** (idem, 6). No entanto, mantemo-nos fiéis à unidade que se faz em torno de Pedro, permanecendo com fé na esperança. Do contrário **“A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna.”**(Jo 6, 68)

Vida eterna. É desta vida que nos cabe refletir na noite de hoje. Não da vida da **“erva do campo, que hoje está aí e amanhã é lançada ao forno”,** (Mt 6,30) nem da vida **“dos pássaros do céu: que não semeiam, nem colhem, nem guardam em celeiros, e o Pai celeste os alimenta. Será que vós (nós) não valeis (valem) mais do que eles? (Mt 6,26).** Falaremos de gerar uma vida eterna, que **“nem a traça e o ferrugem destroem, nem os ladrões assaltam e roubam”** (Mt 6, 20) se soubermos guardá-la como nosso verdadeiro tesouro. **“Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.”** (Mt 6, 21)

Gerar e não Criar a vida. Não compete ao homem a Criação da vida, não temos este poder, mas a sua geração. Não a fazemos do nada como o Divino, mas temos a possibilidade de gerá-la. Nestas palavras já identificamos uma diferença fundamental na qual está inserido o poder hierárquico de quem criou porque sempre É, e de quem se utiliza de um poder outorgado, mas não próprio pela existência, que tem a capacidade de gerar alguém para existir. **“Nenhum poder terias, se não lhe fosse dado do alto”**(Jo 19,11). Portanto, nas bases antropológicas posicionamos o homem enquanto criatura e não como Criador, o que deverá ser lembrado constantemente para que nunca se volte a ter o desejo de querer **“ser como deuses”**(Gen3,5). As conseqüências desta provocação, aceita deliberadamente por nossos pais uma só vez, foi o suficiente para resultar no derramamento de todo o sangue de Cristo. É imprescindível que andemos longe deste caminho.

2. CRESCEI E MULTIPLICAIVOS

Andar longe, não significa fugir a necessidade do avanço do conhecimento. Do conhecimento próprio e de toda natureza, pela Filosofia e pela Ciência, porque estaríamos nos omitindo ao imperativo divino de **“crescei e multiplicai-vos”**.(Gen 1,28) **“Crescei”**, frequentemente reduzido ao significado pertinente ao número de filhos, está vinculado ao crescimento da pessoa humana, conforme nos explicava Dom Antonio Augusto Dias Duarte em uma magnífica apresentação em seminário recente realizado na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, em São Paulo, para casais. É preciso crescer a pessoa na sua totalidade de ciência biológica, psicológica, como ser social e também, muito particularmente, no reconhecimento da presença da sua espiritualidade enquanto ser que é eterno.

“O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus.” (Evangelium Vitae 2)

“Crescei”. Não se negar ao avanço, e muito menos, temer aos que se apresentam com desafios científicos cotidianos em diferentes escolas e universidades, laboratórios de pesquisas e teorias antropológicas. **“Crescei”** e a tudo daremos uma resposta porque **“... não fiquéis preocupados com o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós.”** (Mt 10, 19) E o Espírito é a Verdade.

“Crescei”. Mas não se pode acolher o Espírito se não crescemos na nossa espiritualidade. Se a espiritualidade é a maneira como o homem transcende esta realidade terrena, a religião é o caminho que optamos por viver concretamente, comprometidos, esta espiritualidade. E para o cristão crescer em espiritualidade não pode haver outra opção, por liberdade e amor, do que seguir a Verdade em Cristo.

“Crescei e multiplicai-vos” porque o que ama, cresce, torna-se agente multiplicador. Em obra publicada não há muito tempo atrás lia-se a viagem de um jovem que resolveu partir para uma aventura no interior desértico do Alasca em busca das questões existenciais da vida. O protagonista deixou escrito num diário, encontrado junto ao seu corpo, vítima das condições climáticas locais: **“A felicidade só pode**

existir quando compartilhada.” (do livro *Na Natureza Selvagem* de Jon Krakauer). “Multiplicai-vos.” Uma multiplicação que não é dominadora, mas “compartilhada” na Felicidade.

É preciso crescer e multiplicar, não somente o conhecimento científico, nas hipóteses e teorias da origem da vida, nos caminhos da evolução humana, nas projeções, frequentemente acompanhadas de um temor catastrófico pelo futuro, mas é preciso que se cresça também no significado mais amplo, que é o conhecimento à luz da Verdade, do Amor, que está acima de tudo, porque **“O Amor (caridade) jamais acabará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Mas quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá. (...) Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei completamente como sou conhecido. Agora, portanto, permanece fé, esperança, amor (caridade), essas três coisas. A maior delas, porém, é o amor (a caridade).”**(Co 13, 8-10; 12-13)

E a principal consequência da existência do Amor (Caridade) é a vida que nos é oferecida como dom. A vida que foi criada e agora passa a ser gerada pelo próprio homem, sem méritos deste, mas por graça. A vida, a plena manifestação de **Deus que é Amor**, conforme nos afirma o Santo Padre Bento XVI. A Vida é a mais contundente “prova” da existência de Deus, e ousaríamos afirmar o impensável: não poderíamos imaginar Deus sem Vida. Porque **“Ele é o que é”**(Êxodo 3,14), e ser significa viver, existir. A nós não cabe compreender ou formular hipóteses do que “poderia ser antes Daquele que é?”. Não nos esqueçamos, somos criaturas limitadas e não podemos mais uma vez fraquejar diante da mentira: **“sereis deuses”**.

3. GERAR E NÃO CRIAR A VIDA

“O sentido mais profundo e original desta meditação sobre a mensagem revelada relativa à vida humana foi recolhida pelo apóstolo João, nos afirma João Paulo II (Evangelium vitae, 30), quando escreve, no início da sua Primeira Carta: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida – porque a vida manifestou-se, nós a vimos, damos testemunho dela e vos anunciamos esta vida eterna que estava no Pai e que nos foi manifesta -, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco’(1,1-3)”

“Então, conclui o papa, a vida divina e eterna é anunciada e comunicada em Jesus, ‘Verbo da vida’. Graças a este anúncio e a este dom, a vida física e espiritual do homem, mesmo na sua fase terrena, adquire plenitude de valor e significado: com efeito, a vida divina e eterna é o fim, para o qual está orientado e chamado o homem que vive neste mundo. Assim, o Evangelho da vida encerra tudo aquilo que a própria experiência e a razão humana dizem acerca do valor da vida humana: acolhe-o, eleva-o e o conduz à sua plena realização.”

Portanto, não criamos a Vida, mas somos capacitados a gerar. Gerar que é produzir, procriar, nascer. Não somos geradores da Vida, mas sim geradores de seres que são portadores de vida. Somos portadores de vida. Portadores e não donos da Vida, que repito, nos é oferecida enquanto dom de Deus. Portadores e não donos. E quem não é dono não pode fazer o que bem entende daquilo que porta. **“Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence?”**(Mt 20,15) diz o Senhor as reclamações dos operários por terem recebido por um dia de trabalho o mesmo que os que trabalharam uma hora apenas. Ele não fora injusto com os primeiros pagando o contratado, o que faria aos demais era da sua decisão, que não fora acordada previamente, porque o dinheiro era dele. O portador, contudo, precisa prestar contas do que lhe foi confiado. Se portarmos a vida, é porque alguém nos deu, e este Alguém, Senhor de Toda Vida, é o próprio Deus. Ora, se carregamos uma dúzia de ovos com o cuidado necessário para que não se quebrem. Se protegemos uma mala com jóias para que não seja roubada. Se cuidamos da casa para que não se estrague. Como haveremos de portar a Vida que é a própria presença de Deus em nós? E como haveremos de cuidar da possibilidade de transmitir a Vida a um novo ser? Ou seja, de se tornar instrumento da criação de Deus?

“Ao perguntar: ‘Estais dispostos’, afirma o papa João Paulo II (Carta às Famílias,8) a Igreja recorda aos noivos que eles se encontram perante o poder criador de Deus. São chamados a tornar-se pais, ou seja, a cooperar com o Criador no dom da vida. Cooperar com Deus no chamamento à vida de novos seres humanos significa contribuir para a transmissão daquela imagem e semelhança divina, de que é portador todo o ‘nascido de mulher.’”

Gerar a vida. Talvez pudéssemos dizer: “administrar” a vida, ou cuidar da vida. Administrar este dom que nos é dado a ser portador, com o compromisso de crescer e multiplicar. Que maior responsabilidade poderia ser solicitada a alguém, se nem os Anjos geram filhos de Deus!? Mas se colocam como anunciadores da chegada de uma nova vida, de um novo homem ou mulher, como várias vezes lemos dos personagens nas Sagradas Escrituras. Somente aos homens foi dado este direito e este dever, e para tanto **“fomos criados a Sua imagem e semelhança”**.(Gen 1,26)

“Ao afirmarmos que os cônjuges, enquanto pais, são colaboradores de Deus Criador na concepção da geração de um novo ser humano, não nos referimos apenas às leis da biologia; pretendemos, sobretudo, sublinhar que, na paternidade e maternidade humana, o próprio Deus está presente de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração ‘sobre a terra’. Efetivamente, só de Deus pode provir a ‘imagem e semelhança’ própria do ser humano, tal como aconteceu na criação. A geração é a continuação da criação.”(Carta às Famílias , 9).

4. A RESPONSABILIDADE PELA VIDA

Devemos avançar refletindo sobre o **tornar-se responsável**. Quando nascemos e, portanto, já portadores do dom da vida, com tamanha fragilidade e ignorância, como seríamos responsáveis desde a sua concepção no útero materno? A responsabilidade exige consciência e capacidade para agir. Propositadamente, não por esquecimento, não digo que a responsabilidade exija liberdade. A liberdade poderá fazer com que se aceite ou que se negue a agir com responsabilidade, mas não desvincula a consciência e a capacidade, uma vez desenvolvidas, do compromisso natural da responsabilidade com a vida. Assim, tornar-se um ser responsável é a principal meta a ser alcançada no processo de desenvolvimento educacional dos filhos por parte dos pais, para que eles zelem da melhor maneira, dentro das condições possíveis, do maior dom recebido que é a vida. Até que assim se desenvolvam, são os pais os responsáveis principais pela vida de seus filhos.

“Os pais são os primeiros e principais educadores dos próprios filhos e têm também neste campo uma competência fundamental: são educadores porque são pais. (...) O itinerário educativo conduz à fase da auto-educação, que se atinge quando, graças a um adequado nível de maturidade psicofísica, o homem começa a educar-se por si só.” (Carta às Famílias ,16)

Neste processo de formação, a responsabilidade pela vida não pode ser refém da liberdade humana, porque a vida é um dom anterior a própria liberdade. Não seríamos livres para atuar na própria vida, se não estivéssemos vivos. E se livremente optamos pela morte, condenamos definitivamente a liberdade de quem perdeu a vida. E com a morte encerramos o uso da liberdade, dando curso a uma vida na sua eternidade onde já não nos cabe decidir pelo futuro, que permanece único e exclusivamente pendente da misericórdia divina. Portanto permanecer em uso da liberdade implica, necessariamente, sem alternativa, em optarmos sempre pela vida, em toda e qualquer condição. Ainda que se apresentem mil razões, à luz dos homens e das condições sociais, dos sacrifícios e dos sofrimentos presentes, nunca haverá razão para opção pela morte.

“Infelizmente, este panorama inquietante, longe de diminuir, tem vindo a dilatar-se: com as perspectivas abertas pelo progresso científico e tecnológico, nascem outras formas de atentados à dignidade do ser humano, enquanto se delinea e consolida uma nova situação cultural que dá aos crimes contra a vida um aspecto inédito e – se é possível – ainda mais iníquo, suscitando novas e graves preocupações: amplos setores da opinião pública justificam alguns crimes contra a vida em nome dos direitos da liberdade individual e, sobre tal pressuposto, pretendem não só a impunidade, mas ainda a própria autorização por parte do Estado para os praticar com absoluta liberdade e, mais, com a

colaboração gratuita dos Serviços de Saúde.” (Evangelium Vitae 4.)

Daí decorre o quão graves são as faltas quando aplicadas a eutanásia e ao aborto. A este último, avaliado por alguns como instrumento de regulação da natalidade, quer na sua atitude declarada quer por meio camuflado na ação de fármacos, João Paulo II apresenta um profundo lamento:

“É difícil pensar numa situação mais injusta, e é realmente difícil falar aqui de obsessão, a partir do momento em que entra em jogo um imperativo fundamental de toda consciência íntegra: ou seja, a defesa do direito à vida de um ser humano inocente e inerte. (...) Sobre tema tão doloroso talvez seja melhor não dizer nada mais do que isto.” (Cruzando o limiar da Esperança, p 189-194)

5. CONSCIENTIZAÇÃO E CAPACIDADE DE AGIR RESPONSAVELMENTE

Cabe agora nos determos por onde caminha o nosso desenvolvimento de conscientização e capacidade de ação para que possamos ser responsáveis pela vida. Se falarmos que estes pilares, consciência e capacidade devem ser orientadas pelos pais para que se torne o filho responsável pela vida, não podemos deixar de perceber que estas colunas permanecem em construção ao longo de toda vida.

Conscientização. “Atributo pelo qual o homem pode conhecer e julgar sua própria realidade; conhecimento...” (Dicionário Aurélio). Não é o momento de refletirmos sobre o que é o conhecimento em toda sua magnitude, mas é fato comum que muito se tem avançado na tecnologia, que é a maneira pela qual o homem avança na aplicação do seu conhecimento científico. Nos últimos séculos, de modo particular a partir da segunda metade do século XX, este desenvolvimento ultrapassou os limites além das previsões mais explosivas. Dentre tantos campos, um deles foi de especial importância por ser universal, com conseqüências sociais ainda hoje sem limites determinados: a compreensão da concepção da origem do ser humano.

Este conhecimento possibilitou ao homem ter o controle sobre a possibilidade de planejar a chegada dos filhos e o número que desejaria tê-los. Os avanços da Medicina permitiram a compreensão dos mecanismos biológicos envolvidos no ciclo ovulatório da mulher, e assim foram desenvolvidos instrumentos e fármacos capazes de impedir que o ato sexual fosse necessariamente acompanhado da possibilidade da mulher vir a engravidar.

Este acontecimento acarretou mudanças de grandes repercussões na sociedade mundial, dentre elas a verificação de uma queda vertiginosa no número de filhos e profundas alterações na dinâmica da vida familiar, onde conflitos decorrentes de uma união menos comprometida, infelizmente, conduziram a ruptura de muitos lares.

A ciência nunca pode ser considerada como um mal, mas a maneira pela qual a utilizamos é que pode definir a melhor interpretação dos resultados conhecidos de pesquisa.

“As duas missões mais nobres do homem são, provavelmente, a de aumentar conhecimento e a de transmitir o conhecimento. Mas eis que, com os progressos do conhecimento, aparece uma terceira missão, a saber: o bom uso desses progressos do conhecimento, o dever de favorecer os seus bons efeitos e de limitar os seus efeitos perversos.”(Jean Bernard in “Da biologia à ética- Bioética : os novos poderes da ciência, os novos deveres do homem.” Editora Psy 1994 p.18)

“Rompemos com a segurança dos limites da pesquisa e alguns cientistas percorrem os caminhos da Genética cada vez mais velozmente e sem avaliação prévia das conseqüências de suas pesquisas. Depusemos a natureza e entronizamos a ciência, trocando o mito do paraíso perdido para acreditar nas promessas da ‘maçã’ tecnológica.” (Gallian e Reginato, Relação assistencial e sua humanização in Bioética: pessoa e vida/ Org. Dalton L. P. Ramos, Difusão Editora 2009, p 122-3), porque “sereis como deuses”.

O conhecimento da intimidade da geração de um novo ser humano é motivo de alegria e ao mesmo tempo de êxtase diante do acontecimento mais sublime que possa ocorrer neste mundo que é a vida. Uma vida gerada por dois seres humanos, que portadores desta capacidade pelo designo do Criador, podem colaborar na continuidade desta obra a qual fomos confiados.

Uma vida que foi gerada no princípio pelo Amor, e comprometida para Amar, para que permaneçamos unidos ao Amor. Assim, não se pode ver desvinculado do Amor a união dos cônjuges, que unidos livremente e responsabilmente tomam este caminho de felicidade conscientes do

“gravíssimo dever de transmitir a vida humana, (...) fonte de grandes alegrias, se bem que, algumas vezes, acompanhadas de não poucas dificuldades e angústias.” Conforme se lê na *Humanae Vitae*, 1.

Neste campo, percebemos a generosidade do Criador, que dotou o homem desta capacidade de entrega onde o amor dos cônjuges se desenvolve e se fortalece para superação dos dias difíceis. Uma entrega para a construção de um casamento sadio, amoroso, fecundo e santo; na qual a convivência espiritual se faz imprescindível, conforme poderemos refletir de modo mais aprofundado em outra apresentação deste Congresso.

O conhecimento científico atual vem demonstrar que, sem abandonar a intimidade do afeto conjugal, a constituição feminina apresenta períodos nos quais o ato sexual se encontra com mínimas possibilidades de uma nova gravidez que, em circunstâncias comprometidas por graves motivos, não seria aconselhável. Por outro lado, o ciclo ovulatório feminino apresenta dias em que a oportunidade de uma nova gestação torna-se altamente provável, para aqueles que assim o desejam. Assunto que será mais tarde tratado na riqueza de sua complexidade. Desta forma, sem interferência de barreiras mecânicas ou farmacológicas, a própria natureza se encarrega de dispor ao homem e à mulher uma resposta, uma solução que vai ao encontro de uma paternidade e maternidade responsáveis. Para tanto, a natureza permite conciliar períodos de relacionamento íntimo afetivo com uma castidade conjugal, cuja abstinência intermitente promove o respeito e fortalece o amor entre os cônjuges.

6. A CASTIDADE CONJUGAL.

É importante que não se passe superficialmente por este tema: **Castidade Conjugal**. Mal interpretada por muitos, quando enxergam nesta expressão um paradoxo ao relacionamento conjugal, que nada tem em contrário a união dos corpos, necessária e imprescindível para a consumação da união sacramental. A castidade conjugal constitui-se numa das colunas maiores das bases antropológicas que permite gerar a vida com responsabilidade.

O homem não é criatura concebida, única e simplesmente, para ser entregue aos instintos da natureza animal, que cumpre adequadamente suas atribuições quando aplicados a todos os outros seres vivos. Se o instinto é fator regulador na multiplicação dos animais na luta pela sobrevivência da espécie, ao homem jamais podemos esquecer que se insere de modo superior e hierárquico a condição de liberdade e amor. É certo que não se perde a força dos “instintos” do animal ainda selvagem que mora dentro de nós, mas é verdade que para alcançarmos a plenitude do humano é preciso ultrapassar esta condição. Ele foi criado **“à imagem e semelhança de Deus, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão”** (Gen 1, 26). Deve entender que foi chamado e **“deu nome a todos os animais domésticos, a todas as aves do céu e a todos os animais selvagens, mas não encontrou uma auxiliar que lhe correspondesse.”**(Gen 2,20). E após despertar do “sono”, durante o qual Deus faz sua companheira, o homem exclamou: **“Desta vez sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada humana porque do homem foi tirada. Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne.”** (Gen 2,22)

Na **“Catequese sobre o amor humano: Homem e Mulher o Criou”**, João Paulo II nos apresenta um volumoso trabalho onde analisa de modo minucioso, explicativo, e amoroso, esta **“união da carne”**, que no homem, já não é mais um ato instintivo, mas a própria manifestação de Deus no ato conjugal. Ato

constituído de liberdade e Amor, no qual homem e mulher são chamados responsabilmente a atuar, dentro das condições presentes, para que se gere um novo ser com vida eterna.

As condições **“algumas vezes, acompanhadas de não poucas dificuldades e angústias”** pedem que o casal viva este amor na castidade conjugal, onde não se recusa o afeto à fidelidade do compromisso sacramental, e não se recorre a compensações ilícitas, muitas vezes justificadas pela “aridez das circunstâncias”, pela “tentação sem limites da atmosfera dos tempos”, pelas “minhas necessidades”. Nestas ocasiões quando o sacrifício da cruz se apresenta diante de nós, vivo e exigente, é a hora de nos tornarmos mais um Cirineu, sem que se abandone a Cristo. A castidade conjugal deve ser vivida com amor e pelo amor para que o Amor permaneça no lar cristão.

Na conferência realizada em Brasília, no ano de 1991, em meio ao Congresso Nacional, o inesquecível professor Jérôme Lejeune, descobridor da Trissomia do cromossomo XXI que determina a Síndrome de Down, batalhador incansável em favor da vida, concluía seu discurso com estas palavras que explicam com clareza impressionante e em definitivo o que ocorre com o amor conjugal nos tempos de hoje:

“Daí se pode concluir que o comportamento sexual do homem é certamente o que mais o distingue dos demais seres vivos, porque só ele sabe que as crianças são fruto do amor.

Portanto, no comportamento social separar o prazer e o amor da reprodução e, por consequência do filho, é um erro de método.

Isso pode assim ser resumido:

A pílula significa fazer amor sem fazer filho

A fecundação extracorpórea significa fazer filho sem fazer amor

O aborto significa desfazer o filho

A pornografia ou a promiscuidade significam desfazer o amor

Nada disso é compatível com a dignidade humana.”

Não há necessidade de se recorrer a métodos extraordinários, e não há porque se abandonar pela facilidade de meios para que se cumpram as exigências de uma paternidade responsável. Nenhum método que norteie a paternidade responsável pode ser considerado 100% seguro. O Planejamento Natural para uma Paternidade Responsável, que deverá ser tema amplamente discutido nestes dias, apresenta um percentual igual aos métodos considerados mais seguros, sem, contudo, envolver o uso de qualquer utensílio ou fármaco. Utiliza-se somente do conhecimento dos recursos presentes na natureza humana, que se volta para o seu desejo de manter-se fiel ao compromisso matrimonial assumido diante de Deus, associado com a responsabilidade exigida aos pais.

A fidelidade a este compromisso – o matrimônio – justifica-se no fato de **“não ser este fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor. Mediante a doação pessoal recíproca, que lhes é própria e exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento mútuo pessoal, para colaborarem com Deus na geração e educação de novas vidas.”** (Humanae Vitae, 8.) nos afirma Paulo VI.

De modo didático e esclarecedor, Paulo VI nos revela as características deste amor conjugal: **humano, quer dizer, ao mesmo tempo espiritual e sensível.(...) Amor total no compartilhar sem cálculos egoístas. (...) Fiel e exclusivo até a morte.(...) E, finalmente, amor fecundo, que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas.”** (Humanae Vitae, 9)

7. O DESEMPENHO DA CIÊNCIA PELA DESCOBERTA DA VIDA

Uma nova vida, cujo aperfeiçoamento de técnicas e aparelhos, nos permitiu observar a intimidade do seu primeiro instante, quando o embriologista Karl Ernst Von Baer, ainda em 1828, afirmou que o ser humano iniciava-se na concepção, ou seja, na união dos gametas masculino e feminino, quando uma nova identidade, que qualificada pela ciência como geneticamente única, se forma de modo irreptível com destino a eternidade. Eternidade esta que só pode ser admitida pela crença de que a partir do primeiro instante une-se, ou melhor, constitui-se copo-alma na expressão de um novo ser humano. A partir de então conta-se o desenvolvimento de um ser que já existe, não em potência, mas de fato, por natureza gerado.

Não me recordo, em quase trinta anos de medicina, ouvir alguma senhora que ao receber o seu teste de gravidez positivo tenha dito: “Estou com um potencial nenê”, mas sim, o que se escuta é a mais enfática das afirmações que uma mulher pode afirmar: “Estou grávida!”. Uma condição definida que para ela significa que está portadora de um filho! Um filho! Não uma potência. Não uma idéia. Não um “montinho de células” totipotentes. Não uma etapa neurológica por ser cumprida. Não um ser em processo de montagem “frankensteriana”, em quem se juntam partes mortas para dar vida, mas um filho por inteiro, que está em processo de contínuo desenvolvimento! Vivo como pessoa desde o início! Não uma pessoa jurídica de maior ou menor autonomia. Mas um filho que a partir do momento gerado tem o direito de permanecer vivo para este mundo e depois para eternidade, sem que antecipem o fim de seus dias por quaisquer motivos.

8. AS VERDADEIRAS BASES ANTROPOLÓGICAS

Pode existir neste mundo um vínculo mais forte do que a mãe e seu filho, onde se renova na geração de um novo ser todo sentido da vida e da existência humana? Qual base antropológica é mais contundente do que a condição de se verificar em cada novo ser a razão da existência de toda humanidade? Qual pesquisa pode aprofundar mais o estudo do conhecimento humano do que o vislumbrar de uma gravidez? E não somos somente poetas ao falar assim, mas assumimos o maior rigor da objetividade científica que em nada pode se contrapor a maravilha da subjetividade humana construída na magia dos cantos e dos contos, nos sonhos e nas ilusões, nas crenças e alegorias, porque todos convivem harmoniosamente no mesmo ser que é o homem.

Talvez este seja o grave “pecado científico”, de querer compreender o homem somente nas suas medidas exatas, nos seus resultados estatísticos, na sua herança genética, no seu comportamento biológico fragmentado, na sua capacidade neurológica procedente de tecidos celulares com transmissores e receptores químicos, nas suas conquistas dimensionadas para uma existência frágil e efêmera do tempo presente. Esquecemos o valor da alegria do sorriso, não sabemos como avaliar a felicidade da Primavera, um gesto de carinho de uma criança, a ajuda a um idoso, a prece de um doente, o sofrimento de uma mãe, a virtude de um pai trabalhador e generoso, a superação de um deficiente físico, ou a aceitação solidária em família de uma criança autista... Isto não tem parâmetros científicos! Mas é puro sentimento humano! No conto **“O sonho de um homem ridículo”** Dostoiévski relatando a volta ao Paraíso pelo seu protagonista sonhador, descreve o que foi a admiração deste ao chegar lá:

“... me parecia insolúvel, por exemplo, o fato de que eles, sabendo tanto, não possuíssem a nossa ciência. Mas logo entendi que a sua sabedoria se completava e se nutria de percepções diferentes das que temos na nossa terra, e que os seus anseios eram também completamente diferentes. Eles não desejavam nada e eram serenos, não ansiavam pelo conhecimento da vida como nós ansiamos por tomar conhecimento dela, porque a sua vida era plena. Mas a sua sabedoria era mais profunda e mais elevada que a da nossa ciência; uma vez que a nossa ciência busca explicar o que é a vida, ela mesma anseia por tomar consciência da vida para ensinar os outros a viver; ao passo que eles, mesmo sem ciência, sabiam como viver, e isso eu entendi, mas não conseguia entender a sua sabedoria.” (p. 111)

Aqui estão importantes bases antropológicas: nas emoções e nos sentimentos conscientes; o que nos torna humanos. Na capacidade de admirar a beleza e o desejo de saciar-se no bem. Na conquista da

fortaleza com prudência. No gozo do prazer com temperança. Em não se alegrar com a injustiça e esperar pela misericórdia. Em manter a fé na esperança de se alcançar à felicidade. Felicidade compartilhada na unidade da diversidade, constituída pela infinitude de individualidades, à caminho do Amor. Ao invés disto, a Antropologia ficou reduzida a pesquisas estatísticas das semelhanças genéticas com chimpanzés, a comparações com o volume do cérebro de golfinhos, ou a montar teorias sobre o comportamento de culturas e civilizações perdidas pelos achados de fragmentos ósseos enterrados por milhões de anos. Tudo que possa conduzir a uma tese onde a evolução natural, nascida de uma explosão de partículas quânticas há bilhões de anos, que passam a serem nossos ancestrais num arranjo mágico de moléculas constituídas em DNA, “padrão” do que se entende chamar por vida! Uma hipótese onde Deus não existe, e ao mesmo tempo não pode ser negado, ao menos como responsável pelo “Big Bang”. É preciso recordar as palavras de Benjamin Franklin:

“ACHAR QUE O MUNDO NÃO TEM UM CRIADOR É O MESMO QUE AFIRMAR QUE UM DICIONÁRIO É O RESULTADO DE UMA EXPLOSÃO NUMA TIPOGRAFIA”

Se retomássemos aqueles valores, imponderáveis para a ciência, compreenderíamos o valor da vida humana desde a sua concepção. Quando antes de ver podemos enxergar, quando antes de ouvir podemos escutar, quando antes de perceber podemos sentir, quando antes de “ter o filho” já somos pais, porque toda a nossa atenção está concretizada para a realidade de uma vida gerada com responsabilidade. Perceberíamos que a nossa responsabilidade está além dos horizontes do microscópico e do telescópico, das estatísticas e das teorias, das projeções que não conseguem avaliar o imprevisível para as nossas limitações, do compromisso restrito às condições com o tempo presente. Tudo isto tem, indiscutivelmente, o seu valor e o seu mérito, mas dentro de proporções que não podem sufocar ou comprometer a natureza do que somos para viver com dignidade neste mundo e salvos para a eternidade.

9. RESPONSABILIDADE COM A VIDA CARENTE

Não poderíamos encerrar sem fazer menção ao fato de se “gerar filhos” por adoção. A Este respeito nos afirma João Paulo II:

“Uma expressão particularmente significativa de solidariedade entre as famílias é a disponibilidade para a adoção ou para o acolhimento das crianças abandonadas pelos seus pais ou, de qualquer modo, em situação de grave dificuldade. O verdadeiro amor paterno e materno sabe ir além dos laços da carne e do sangue para acolher também crianças de outras famílias, oferecendo-lhes o que for necessário para a sua vida e o seu pleno desenvolvimento. Entre as formas de adoção, merece ser assinalada a adoção à distância, que se há de preferir sempre que o abandono tenha por único motivo as condições de grave pobreza da família. Na realidade, com esta espécie de adoção é oferecida aos pais a ajuda necessária para manter e educar os próprios filhos, sem ter de os desarraigar do seu ambiente natural.” (Evangelium Vitae, 93)

CONCLUSÃO: UM DESAFIO AO COMPROMISSO COM A VIDA

No início desta apresentação enfatizei que o meu papel seria esforçar-me em trazer aos presentes uma janela que se abrisse diante das reflexões do mundo conhecido, construída ao longo do tempo por aqueles que colocaram a inteligência, com sabedoria, a serviço da contemplação da grandeza da vida e da responsabilidade que nos foi confiada em preservá-la, como portadores de um dom. Um desafio lançado a todos e que compromete a cada um dos presentes, porque **“A vós é confiado o mistério do Reino de Deus.”** (Mc 4,11)

Concluo citando, (pausadamente), um parágrafo da Exortação Apostólica de João Paulo II, o “Papa da Família”, “A Missão da Família Cristã no Mundo de Hoje” (32), onde tudo o que aqui foi dito torna-se pequeno pelo tamanho do texto, harmonioso no seu conteúdo e grandioso pela sua totalidade, assim como um embrião recém gerado.

“À luz da própria experiência de tantos casais e dos dados das diversas ciências humanas, a reflexão teológica pode perceber e é chamada a aprofundar *a diferença antropológica e ao mesmo tempo moral*, que existe entre a contracepção e o recurso aos ritmos temporais: trata-se de uma diferença bastante mais vasta e profunda de quanto envolve duas concepções da pessoa e da sexualidade humana irredutíveis entre si. A escolha dos ritmos naturais, de fato, comporta a aceitação do ritmo biológico da mulher, e com isso também a aceitação do diálogo, do respeito recíproco, da responsabilidade comum, do domínio de si. Acolher, depois, o tempo e o diálogo significa reconhecer o caráter conjuntamente espiritual e corpóreo da comunhão conjugal, como também viver o amor pessoal na sua exigência de fidelidade. Neste contexto, o casal faz a experiência da comunhão conjugal enriquecida daqueles valores de ternura e afetividade, que constituem o segredo profundo da sexualidade humana, mesmo na sua dimensão física. Desta maneira a sexualidade é respeitada e promovida na sua dimensão verdadeira e plenamente humana, não sendo nunca ‘usada’ como um ‘objeto’ que, dissolvendo a unidade pessoal da alma e do corpo, fere a própria criação de Deus na relação mais íntima entre a natureza e a pessoa.”

Espero que estas palavras, associadas às ricas apresentações que serão feitas ao longo deste Congresso, germinem com o compromisso de se desenvolverem dentro de cada um de vós ao compasso do bater do coração. **“Não tenhais medo!”**, nos anima João Paulo II. Inspirados e confiados na Sagrada Família, que elas sejam alimento para vossa oração cotidiana, indispensável para todo aquele que se esforça, corajosamente, pela conscientização e divulgação de se gerar a vida com responsabilidade.

MUITO OBRIGADO.

